

## Erotismo e subjetividade

Resenha de Joel Birman, *Gramáticas do erotismo – A feminilidade e suas formas de subjetivação em psicanálise*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001, 253 p.

Este importante livro de Joel Birman é um trabalho de fôlego. Ponto final de uma linha de pesquisa iniciada há oito anos na universidade, no entanto, a quase totalidade dos títulos dos capítulos é constituída por interrogações. Ser conclusivo criticamente, em relação ao feminino e à feminilidade, só pode levar a problemáticas, no seu melhor sentido: redes que, entre contradições e ambigüidades, vão traçando e tecendo firmemente vertentes de questões em aberto.

A novidade do texto de Birman é a maneira como ele fará o desvendamento e desenredamento das palavras feminino e feminilidade na obra de Freud que formam a encruzilhada de muitas exigências e imperativos éticos: fazendo uma leitura das matrizes constitutivas do pensamento psicanalítico. A forte inspiração foucaultiana, traz-lhe a história e a genealogia como substrato das exigências epistemológicas, para melhor apreender as linhas de força que seriam constitutivas do pensamento psicanalítico e suas encruzilhadas conceituais, jogos de linguagem que funcionam como formas de vida que têm conseqüências reais sobre o corpo e a subjetividade. O objetivo central é detectar a presença de diferentes gramáticas do erotismo no discurso freudiano, abrindo um horizonte crítico na psicanálise de hoje, no mundo conturbado da pós-modernidade. Maneira, a meu ver, de manter viva a psicanálise, voltando às origens, às matrizes constitutivas de um pensamento, para rearticulá-lo de forma inédita, que permita no-

vas formas de pensar e de dizer e, portanto, novas formas de sentir e de viver. Ele considera os modelos constituídos no Ocidente, para pensar a construção dos sexos e a existência de diferentes erogeneidades masculina e feminina e para mostrar as ambigüidades e os paradoxos constitutivos e fundamentais ao discurso freudiano acerca da histeria, da diferença sexual e da feminilidade. O discurso freudiano sobre a diferença sexual será auscultado na sua espessura temporal e nas suas condições de possibilidade, tomando as matrizes antropológicas que se inscreveram no tempo histórico da modernidade, reinterpretadas, com originalidade, por Freud.

Assim, Joel inicia com as duas primeiras contradições: se o discurso freudiano deu de fato voz e direito à fala para mulheres desde os seus primórdios, pela positivação da histeria no final do séc. XIX, realizou, também, ao lado disso, uma leitura do psiquismo feminino pela qual este seria marcado pelas impossibilidades de sublimação e de restrições eloqüentes na ordem do pensamento, fundamento de todas as outras, que se enunciavam como efeitos em cascata desta formulação primordial. A outra contradição enunciada é a de que se, de início, a obra civilizatória foi considerada como algo produzido pela virtude e graça das mulheres, pelas sendas da maternidade. Depois, contudo, elas foram considera-

das essencialmente anti-civilizatórias, pelas demandas do desejo e erotismo como marcas de periculosidade intrínseca de sua subjetividade para a civilização, que poderia explodir violentamente como atuação e passagem ao ato, ameaçando o tecido constitutivo dos laços sociais. Somente a maternidade poderia se constituir na barragem e anteparo seguros a esta periculosidade virtual, uma mediação para a completude possível. A cautela e a prudência com que Joel segue “sem ingenuidade a rota cortante da paciência do conceito” (p. 26), importante trabalho do pensamento, é o que torna difícil uma resenha de seu livro, que só poderá insinuar algumas fragrâncias e dar leves pinceladas.

Todo o esforço de Birman é desnaturalizar a questão da diferença sexual, inscrevendo-a na temporalidade histórica. Desde a Antigüidade até a Revolução Francesa, os sexos eram regulados de maneira bastante hierárquica pelo modelo masculino, identificado como o sexo perfeito. Os dois paradigmas da tradição ocidental — o do sexo único e o da diferença sexual — implicam efeitos salientes nas práticas sociais. O paradigma da diferença sexual é fundante da construção moderna de um outro modelo se-

xual, a partir do discurso da igualdade dos cidadãos diante da lei, onde a hierarquia sexual não deixa de existir, mas é naturalizada e legitimada pelo discurso científico.

Dando destaque fundamental à problemática da maternidade, ele mostra que é em torno da figura da mulher como mãe que o paradigma da diferença sexual pode ser melhor elucidado. Joel se aproxima do antropólogo Dupuis, ao trazer o culto exacerbado à maternidade instintiva, da potencialidade da fêmea como organismo, sua proximidade com a natureza sendo um imperativo para o ser da mulher, como a criação máxima da sociedade patriarcal do homem civilizado, discurso legitimado pelos filósofos do final do século. É neste debate que se inscreve a formulação inaugural de Freud sobre o valor e importância das mulheres. Mas o mais importante é que a governabilidade feminina exercida pela maternidade e pela reprodução da espécie se inscreveria no campo e no projeto do biopoder. Este conceito foucaultiano fala de um social onde a totalidade dos registros da existência, individual e coletiva, foi atravessada pelas modernas estratégias da medicalização, sem exceção, que transformou nossas relações com a vida, a morte, as formas de conceber a subjetividade e o erotismo, onde a família é um agente fundamental. A função sexual na biopolítica seria a reprodução e o que interferisse

ou competisse com isso – o desejo e o prazer, expressos no erotismo feminino – seria visto como perigoso pela ameaça de desordem que representava. A diabolização do desejo feminino, que poderia desviar da existência casta e dedicada à maternidade, silenciava qualquer dimensão do gozo no corpo feminino. A sexologia do séc. XIX apenas transformou o mote cristão em discurso científico sobre a sexualidade humana, ao tornar a mulher desejante perigosa, possibilidade para o mal e o desvio social, que deveria ser cuidada e corrigida com medicamentos, em nome da higiene social, para que se impedisse, enfim, a degeneração da espécie, dentro das propostas estratégicas do biopoder. O discurso freudiano, crítico da sexologia, se constituiu pela proposição cardinal de que a sexualidade visava o prazer e não a reprodução.

Mas no homem era perfeitamente reconhecida sua potencialidade desejante ao lado de sua efetividade reprodutiva. A família sendo o espaço sacrossanto para a reprodução da espécie, era no espaço social que o erotismo masculino poderia se exercitar e, mesmo assim, confinado num *locus* preciso e circunscrito no espaço urbano. Entende-se assim a grande expansão da prostituição ao longo do séc. XIX. As configurações sociais, morais e médicas, contaminadas pela dimensão moralista e fundando positivities médicas e psicopatológicas, traçaram uma cartografia do mal que descrevia em quatro modalidades o perigoso desvio moral da feminilidade: a prostituição, o infanticídio, a ninfomania e a histeria.

Com exceção desta última, é a escolha de outro destino moral que a maternidade, e a positividade do erotismo, que é assumida numa passagem ao ato efetivo em sua existência, como ação no contexto social, não se restringindo, pois, ao campo do imaginário, que as estigmatiza como desviantes sociais.

No caso da histeria, há outra rota de construção do território feminino. Nela, em sua rebeldia, a presença da mesma oposição entre a maternidade e o erotismo permaneceria no registro do imaginário, ficando presa “ao seu conflito moral, imobilizada e mortificada por não exercer todos os seus anseios e desejos” (p. 79). Elegendo a histeria como entidade privilegiada, Joel sublinha sua posição estratégica no biopoder e na biohistória. A degeneração como chave interpretativa teórica central para a construção de uma biopolítica faz retomar o solo histórico e ético das problemáticas da histeria, da mulher e da feminilidade nos campos da psicopatologia, da medicina e da psicanálise nascente e se constituindo como um saber fundado na sexualidade. A histeria se constituiu na matéria-prima enigmática do discurso psicanalítico, o que lhe deu a originalidade de uma investigação interminável tanto dela como da feminilidade, trazendo uma nova leitura do feminino.

Talvez um dos pontos mais interessantes do contexto abrangente e complexo que Birman traça é como nasce o conceito de degeneração. A discussão de se a histeria era essencialmente feminina trazia em seu bojo uma discussão mais profunda no séc. XIX: se ela era uma patologia nervosa ou sexual. Fazê-la também masculina e podendo acontecer em qualquer idade, produziu sua

dessexualização. O conceito foucaultiano de biohistória aponta que a natureza não é um dado inelutável e determinado, mas algo flexível e moldado pelos imperativos do sujeito e da história. É assim que se instala no discurso do séc. XIX um lugar estratégico para o ideal de um aperfeiçoamento contínuo e progressivo pela própria ação humana na qual as idéias de progresso, de evolução, o surgimento da psicologia do desenvolvimento e a noção de anomalias inscrevem esta nova cartografia. Ela torna-se matéria-prima do processo de medicalização pela qual o biopoder se ordenou e tomou fôlego para construir a tessitura social enquanto promotora da qualidade de vida como valor primordial, no projeto estratégico das riquezas das nações. Ora, a categoria de degeneração foi forjada nos discursos médico e psiquiátrico, em meados do séc. XIX, sendo o terreno pelo qual as anomalias estranguladoras do progresso, entre elas os perversos, poderiam ser transformadas pelos saberes e instrumentos tecnológicos da medicina. Um dos projetos maiores anunciados, que se constituiu precisamente no campo da medicalização, pela categoria de degeneração foi o da eugenia, promovido pelo nazismo e pelo paradigma teórico da antropologia racial. O nazismo e o Holocausto foram a explicitação extremada e absurda do projeto eugênico do biopoder, a revelação terrorífica da ambigüi-

dade dos fundamentos do projeto moderno do Ocidente.

Com a psicanálise, a histeria sofreu remanejamentos significativos, pois Freud, ao mesmo tempo em que reconheceu o discurso da modernidade sobre a diferença sexual, retomou o discurso da Antigüidade fundado no monismo sexual. O *erotismo* foi então sublinhado no psiquismo do sujeito moderno. A novidade freudiana da concepção sexual da histeria jamais vai ser abandonada, indo da teoria da sedução à teoria do fantasma. Os traços psíquicos, sendo as inscrições indelévels das fixações pulsionais da história libidinal do sujeito desde as suas origens, marcariam sempre “a eloqüência do seu gozo no registro do corpo erógeno” (p. 139). Além disso, o imaginário bissexual e a cena psíquica da histeria aparecem como uma recusa de aceitar a diferença sexual, se constituindo numa crítica ao modelo da diferença sexual e a presença de um erotismo inscrito no corpo da histeria, marca inefável de seu ser, que se contraporá a qualquer redução do ser da feminilidade à figura da maternidade. Nesta outra cartografia da histeria, “a psicanálise seguia no corpo os rastros semânticos deixados pelo conflito psíquico, podendo encontrar-se com a gramática erógena do sintoma histérico, agora capaz de decifração e não redutível à lógica da anatomia patológica” (p. 149). As reconfigurações da histeria trazidas pela psicanálise com a passagem pela catarse e pela transferência trouxeram o empreendimento de uma verdadeira arqueologia do sentido, a gramática e a semântica da construção do sintoma histérico, para

que o sujeito pudesse costurar o tecido do eu e do psiquismo e ultrapassar suas fragmentações psíquicas e seus dilaceramentos corpóreos. A fala ativa, na experiência clínica, produziu um efeito de corte e ruptura crucial com o gozo presente na passividade da servidão, possibilitando outra circulação erógena, um efeito relançador do gozo que abre para ele relativizações, novas sendas, outros caminhos psíquicos reveladores de suas sutilezas, minúcias e mazelas. A histeria, já não mais identificada à simulação e à mentira, pelo dispositivo da fala/escuta, foi pedra de toque do dismantelamento do dispositivo da hereditariedade-degeneração, ao fazer a crítica sistemática da sua causalidade hereditária e dar abertura à sua dimensão sexual, à ênfase no erotismo e suas formas sintomáticas de ser; o que se ampliou no campo da psicanálise para uma teoria geral da sexualidade humana sendo, portanto, um discurso crítico do biopoder e da biohistória.

Mas, nem tudo são flores. Se a mulher histórica pode ser desenhada livre do traço maligno da degeneração, este desenho foi concomitante ao do dispositivo analítico, onde a *transferência* e a *interpretação* relativizaram os poderes de analista e analisando, mediados pela potência da palavra, sendo o psiquismo, ao mesmo tempo, potência erótica-afetiva em

contraponto paradoxal com a potência linguageira-simbólica. Porém, o discurso freudiano, apesar de romper com alguns paradigmas teóricos do séc. XIX e ter efeitos marcantes no imaginário ocidental, permaneceu ligado de maneira ambígua a outros concernentes à leitura da diferença de sexos, que insistia num conjunto de enunciados sobre os valores diferenciais e hierárquicos entre o masculino e o feminino, trazendo signos de uma leitura inferiorizante das mulheres. Birman o demonstra detalhadamente em cinco pontos: o conceito de complexo de Édipo feminino, o pólo passividade-atividade, a leitura freudiana do complexo de Édipo e da angústia de castração, a posição estratégica da figura da mulher enquanto mãe e a invenção freudiana da passagem do gozo clitoridiano ao vaginal. Neste último ponto quero ressaltar que ele aparentemente parece concordar com que o gozo vaginal é uma invenção freudiana e que isso implicou a concepção da figura da mulher com a da mãe. Se não houvesse a inventiva discussão do capítulo final, ficaria decepcionada com esta solução do paradoxo feminino na psicanálise, pois implicaria identificar a transformação da condição desejante da mulher que acede ao gozo vaginal e a vagina em si, com todos os seus componentes múltiplos, a vulva, seus vários anéis, o colo uterino, o ponto de Graftenberg, apenas com a maternidade deserotizada.

Será no final do livro que veremos Birman conseguir uma saída do impasse e paradoxo do monismo fálico e sua circularidade que teriam feito Freud afirmar que o mundo civilizado tenderia para a homos-

sexualidade. É no próprio discurso freudiano que buscará outra leitura do erotismo. Na esteira de outros autores, proporá uma positivação para a idéia de feminilidade em psicanálise que leva a outra leitura do feminino e outra interpretação da sexualidade. O monismo sexual que organiza as sexualidades feminina e masculina é uma defesa contra a feminilidade originária na qual o referencial fálico está ausente. A ordem fálica, ao se instaurar no psiquismo, transforma a feminilidade em desordem e continente negro. Aqui é dado um giro de 180°, uma contestação de toda tradição ocidental apoiada na perfeição como marca inconfundível do humano e a afirmação da finitude, da mortalidade, da imperfeição e do abandono da magnificência dos deuses como a enunciação de outra condição humana. É isso que o orgulho e a vaidade, ancorados na marca maior do narcisismo humano buscariam recobrir pela pretensão ao absoluto, à perfeição e à completude. É por estar na nossa origem que a feminilidade é nosso destino, confirmando a intuição clínica de que a resultante do tratamento analítico seria uma feminilização do sujeito, pela experiência da castração, enquanto perda da onipotência e arrogância e relativização da pretensão fálica de perfeição fomentada no imaginário de ambos os sexos. A grandeza e o impacto da formulação de feminilidade em Freud

indicam que este, tal como Moisés guiando seu povo, não chegou a enunciar todas as conseqüências desta nova fundamentação do sujeito.

Joel Birman mostrará na concepção da histeria e nos conceitos de pulsão de morte e masoquismo erógeno, os passos conceituais na metapsicologia freudiana que conduziram, como necessidades intrínsecas, à feminilidade e sua positivação. Fará um elogio à histeria, marca sempre presente em seus trabalhos, numa época científica como a nossa que fez a histeria sumir até mesmo dos manuais de diagnóstico médico. Ele insiste na interpretação freudiana da histeria "que revelou a existência fragmentária e despedaçada do corpo e do psiquismo" (p. 230), tecido numa totalidade mal-ajambrada que deixa muito a desejar. Caos, pedaços, buracos, a experiência corporal das mulheres, sua menstruação periódica, sua figuração imaginária como morte e putrefação, a gestação e o nascimento vindos do ventre materno e não da cabeça de Zeus aparecem como signos eloqüentes da finitude e imperfeição de toda condição corporal. Birman aponta como a convulsão – sendo a marca da feminilidade enquanto perda de perfeição e de domínio absoluto sobre o corpo, onde a linguagem também não dá conta do turbilhão corporal – é o paroxismo de nossa incapacidade de controle direto e firme do corpo pelo psiquismo e pelo entendimento e do poder relativo de nossa vontade (tal como Clément descreve os transe das africanas em concentrações de massa ante um líder). A ordenação fálica da sexualidade humana seria uma defesa crucial, "a contrapartida do or-

gulho humano de se articular e de se apresentar como denominador arrogante de seu despedaçamento latente e iminente” (p. 233).

No entanto, é preciso indagar a desmontagem admirável da maternidade como destino final desertotizado a serviço do patriarcado que Joel faz. É preciso um cuidado, a partir mesmo da positividade do originário da feminilidade no corpo a corpo com a mãe e no auto-erotismo. Se este último pode ter sua positividade enquanto potência criativa sublimatória e erógena, sem a figura da mãe intrusiva, como já colocava Fédida, a presença da mãe é fundamental enquanto possibilidade mesmo de constituição da integração corpo-mente e do contato com o mundo, como, aliás, Winnicott nos mostrou tão bem. Se Birman investiga com primor o investimento fálico na maternidade, é necessário marcar que faz parte também do domínio fálico contemporâneo o desinvestimento na experiência da maternidade, os altos índices de câncer no seio nos centros urbanos, a valorização da mulher no mundo fálico do trabalho, enfim, a criação de um imaginário simplificador da questão de como tornar a maternidade algo que, fruto do erotismo, não se torne contra ele, mas a favor de sua potência, sem esquecer o papel fundamental da feminilidade da mãe no originário de cada um de nós. Oposição ou continuidade processual entre ser mãe e mulher?

Já o conceito de pulsão de morte aponta que a existência caótica de pulsões sem representação – puras intensidades corpóreas indizíveis – mina o apoio de um mundo ordenado

que fizesse do falo a luz operadora da visibilidade representativa do mundo para o sujeito. É a primeira marca de revelação metapsicológica do território da feminilidade, outro nome para denominar o masoquismo erógeno, maneira do sujeito lidar com as intensidades e forças pulsionais, sem se valer e precisar do referencial fálico, presente, à maneira de defesa, nas modalidades moral e feminina do masoquismo. Enquanto intensidade, a condição humana é potencialidade de afetação, marca da imperfeição e finitude, que multicolore e tumultua o entendimento humano que desejaria idéias claras e distintas, delineando a imaginação humana, lançando-nos na errância de um mundo dos acontecimentos, inesperado e improvável. O trauma e o masoquismo originário constituem uma leitura da condição humana permeada pelas formas originárias de subjetivação, reconhecidas nas intensidades e na afetação da força pulsional. O sujeito busca criar “uma gramática subjettiva para lidar diretamente com as forças pulsionais e as intensidades invisíveis” (p. 239).

É também um novo conceito de sublimação que surge com a nova leitura centrada na feminilidade: a sublimação não se daria mais pela dessexualização da pulsão e a manutenção do objeto pulsional, mas implicaria tanto a erogeneização como a criação de um novo objeto para a força pulsional. Já não é mais contra a erogeneidade que tem que se dar o trabalho civilizatório, a dessexualização sendo sua essência. Tanto a erogeneidade auto-erótica, quanto a sublimação, seriam maneiras de assumir os destinos delineados pelo masoquismo erógeno – a feminilidade – e a consideração de que a psicanálise não pode fugir das dimensões erótica e intensiva das pulsões, de que isso é o que nos faria “humanos, demasiadamente humanos”, segundo a

expressão deste pensador da finitude que foi Nietzsche. Sublime ação enquanto potencialidade humana para a erogeneidade e para a experiência de criação, engendra e é engendrada em uma concepção da subjetividade como potência de devir e de vir-a-ser, tão enfatizada a meu ver, ainda que em outro jogo de linguagem, por Winnicott.

Reencontro aí o meu próprio discurso sobre a feminilidade, de que é por ela que a psicanálise pode sempre recomençar a se dizer. Birman ressalta a importância deste redizer que dialoga “em outros termos com as novas demandas e imperativos urgentes da atualidade, para defrontar com as novas formas de subjetivação produzidas pelo mundo pós-moderno, relançando outro olhar sobre o universo das mulheres e dos homens que se reconfiguram de outra maneira na cena contemporânea” (p. 243), promovendo “os novos desdobramentos éticos que a história nos impõe como seus imperativos” (p. 244).

Gramáticas do erotismo, título do livro, refere-se, portanto, a uma outra gramática erótica da subjetividade, que relativiza a erótica fálica nos des-caminhos pelas trilhas do desejo (com seus valores imaginários de perfeição, completude e beleza) e também às múltiplas e criativas eróticas subjetivas que dela decorrem, lançando os dados da psicanálise na ro-

leta do destino.

Há um certo tom de lamentação na descoberta da nossa condição de finitos, mortais, incompletos, toscos, rudes, afetados, intensos e corporais. Isso me chama a atenção, por exemplo, na maneira como Birman usa o termo nietzscheano “humano, demasiadamente humano”. Talvez porque, como diz Monique Schneider em seu recente livro *Généalogie du Masculin*, é árduo e cabal o afastamento da feminilidade que o menino constrói e enorme o esforço psíquico de retorno a ela, após resolver suas contas com a transcendência, se livrando da sombra paterna divina e podendo assumir finalmente sua selvagem e indomável potência erótica. Mas será que o que nos torna demasiadamente humanos não são justamente nossos mesquinhos valores de perfeição, beleza, plenitude, completude, com seus corolários de poder e não nossa corporeidade finita, degradável, porém intensa, sempre surpreendente e criativa em sua potência? Afinal, como dizia o nosso poeta Gil, quem sabe o super-homem venha nos restituir a glória, por causa da mulher. E não é que eu, freudianamente acabei com um poeta falando da feminilidade?

**Renata Udler Cromberg** é psicanalista e filósofa, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae; é autora de *Paranóia, Cena Incestuosa* e *Um corpo que cai, um corpo que se ergue – A feminilidade dita de outra maneira*.